



OFERECIMENTO

KOVR seguradora



## RADAR ECONÔMICO

Por Victor Irajá

Análises e bastidores exclusivos sobre o mundo dos negócios e das finanças. Com Diego Gimenes e Felipe Erlich

Assine VEJA por R\$2,00/semana

Economia

# Gigante do tabaco se move pela regulação do cigarro eletrônico no Brasil

Philip Morris Brasil lança campanha para divulgar consulta da Anvisa e argumentar pela regulação

Por Felipe Erlich

Atualizado em 15 dez 2023, 09h45 - Publicado em 15 dez 2023, 09h28





Cigarro eletrônico | (Reuters/VEJA)

A divisão brasileira da **Philip Morris**, gigante da indústria do tabaco, articula uma pressão à **Anvisa**, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, pela regulação do **cigarro eletrônico** no Brasil. A agência sanitária abriu uma consulta pública sobre o tema na terça-feira, 12, e a multinacional prontamente lançou uma campanha de estímulo à participação em que defende o voto para que o produto eletrônico seja regulado. Apelidada de **Quero Escolher**, a ação se posiciona “contra o banimento do cigarro eletrônico” e elenca argumentos que sustentam a regulação.

A Philip Morris Brasil afirma que a melhor escolha para qualquer fumante é parar de fumar, mas, na impossibilidade de fazê-lo, deveria optar por produtos sem fumaça, como o cigarro eletrônico, por serem “potencialmente menos danosos à saúde”. “(Fumar cigarros eletrônicos regulados) faz menos mal do que fumar cigarro. O cigarro (convencional) é a pior forma de consumo de nicotina”, diz Rafael Bastos, gerente sênior de assuntos corporativos da Philip Morris Brasil. O executivo lembra que, atualmente, a Anvisa desconhece as substâncias presentes nos cigarros eletrônicos, dada a falta de transparência do mercado ilegal — algo a ser solucionado por uma regulação.

fumaça, como os cigarros eletrônicos. Em dezenas de países, já é feito o comércio regular desses itens, mas o Brasil ficou para trás dada a ausência de legislação que permita a venda. “É o futuro da nossa empresa. O tabaco aquecido, um produto nosso que é vendido em quase 80 países — o fumante brasileiro não tem acesso a esse produto” diz Bastos.

Os dispositivos eletrônicos são proibidos no país desde 2009, mas cerca de 2,2 milhões de brasileiros são usuários, segundo levantamento do Ipec. Com isso, a Philip Morris argumenta que consumidores brasileiros já decidiram que vão fazer uso da droga, seja ela legal ou não, e urge uma regulação para que o consumo possa se dar da melhor forma possível. “Esses produtos estão entrando (no país) cada vez mais e eles entram por um fator muito claro, porque existe uma demanda. Hoje o contrabando de cigarros eletrônicos financia grupos criminosos”, diz Bastos.

O executivo afirma que o Brasil teve aprendizados importantes com a regulação do cigarro convencional, de modo a ser tornar uma referência mundial no controle da droga, porque a regulou e não a proibiu. Esse histórico poderia servir de guia para a regulamentação do cigarro eletrônico, segundo a empresa tabagista. A consulta pública da Anvisa sobre o tema, talvez o primeiro passo em direção à regulação, estará aberta até 9 de fevereiro de 2024.

## ***Siga o Radar Econômico no Twitter***

### MAIS LIDAS

---

- 1** | **Política**  
**MP informou STJ que delação cita Brazão como mandante da morte de Marielle**
- 2** | **Política**  
**Senador quer investigar Abin, PF e CGU por ‘abuso de autoridade’**
- 3** | **Tecnologia**  
**Maior navio comercial da história abre nova era para os cruzeiros**
- 4** | **Brasil**  
**A estreia milagrosa de ‘Nosso Lar 2’ nos cinemas**